

O campesinato como modo de vida

Wagner José da Rosa¹

Resumo: Este ensaio entrelaçará elementos que possibilitem a compreensão das diferenças entre a grande e a pequena propriedade, entre o fazendeiro e o camponês, entre a vida na terra e fundamentada na terra e a vida fora dela; entre a subjetividade do camponês no seu amor pela terra e a objetividade do latifundiário em alcançar o lucro que ela pode gerar. Trabalharemos com o conceito bourdiano de *habitus* e aqui, propositalmente, faremos a leitura desse conceito entendendo-o como modo de vida camponês, segundo Teodor Shanin.

Palavras-chave: Terra; campesinato; *habitus*.

El campesinato como una forma de vida

Resumen: Este ensayo entrelazará elementos que posibiliten la comprensión de las diferencias existentes entre la gran y la pequeña propiedad, entre el estanciero y el campesino, entre la vida en la tierra y fundamentada en la tierra y la vida fuera de ella, entre la subjetividad del campesino en su amor por la tierra y la objetividad del latifundista en alcanzar el lucro que ella significa y puede producir. Trabajaremos con el concepto bourdiano de *habitus* y aquí, intencionalmente, haremos la lectura de ese concepto entendiéndolo como modo de vida campesino, según Teodor Shanin.

Palabras-clave: Tierra; campesinato; *habitus*.

INTRODUÇÃO

Antes, o fundamento da dominação e da exploração era o escravo; agora passa a ser a terra. É a terra, a disputa pela terra que trazem para o confronto direto camponeses e fazendeiros. (MARTINS, 1986, p. 63).

Por meio desta reconstrução paradigmática entre a escravidão e a liberdade iniciamos a nossa redação no que versa sobre o modo de vida do camponês na contemporaneidade. Para tanto, é de extrema importância fazer um breve retrato da vida rural brasileira, bem como do modo de vida² capitalista

¹ Acadêmico do 8º semestre do curso de Licenciatura em Ciências Sociais – UFGD/PRONERA.

² Estaremos neste ensaio utilizando o conceito de modo de vida para compreender os laços que, mesmo com as diferenças locais, unem, de forma global, uma forma de pensar ou de agir

para assim podermos ter uma proximidade no que estamos aqui chamando genericamente de modo de vida camponês. Deixaremos de lado algumas particularidades e trabalharemos com o que é comum aos agricultores familiares camponeses: o amor a terra, expresso na cultura camponesa.

Corroborando com a afirmação de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, de que: "... não foi a rigor uma civilização agrícola o que os portugueses instauraram no Brasil, foi, sem dúvida, uma civilização de raízes rurais", (1995, p.71), afirmamos que na análise das raízes rurais do Brasil podemos configurar duas categorias diferenciadas de agricultores que, apesar de fazerem parte de um mesmo mundo rural, são muito diferentes entre si; são elas: o campesinato³ e o latifúndio⁴. Essas diferenças exprimem não apenas uma diferenciação de palavras, mas de concepções que delineiam a distância dentro da compreensão do significado de terra e dos valores envolvidos nessa relação terra-indivíduo para o camponês e para o latifundiário.

Por vezes, o camponês não tem clareza de onde termina a terra e onde começa o seu ser, sendo e se vendo ao mesmo tempo como terra e indivíduo. Em contraposição, temos muitos casos em que os latifundiários chegam em suas propriedades de avião e pouco ou nada tem de relação com a terra, senão a de exploração capitalista, forçando-a a dar lucro e mais lucro, sem qualquer forma de escrúpulo com os que nela vivem e dela tiram o seu sustento.

em relação ao mundo em que vivemos.

³ Compreendemos por campesinato um conjunto de elementos que, no decorrer do tempo, foram se agregando e formando um jeito de ser e de viver, um jeito de relacionar-se com a terra, algo que para alguns pode até ter um tom de romantismo, de arcaísmo. Porém, elementos fundantes como a terra, a família e o trabalho, expressos no modo como essas pessoas se relacionam entre si e com a terra, dão características desse campesinato, as quais são fortemente marcadas pelas particularidades de regiões e/ou biomas e também estão em constantes mudanças. A terra é um elemento que transcende as fronteiras de compreensão desta relação entre humanidade e natureza, pois explicita a diversidade de vida, de comida na mesa e na terra, mas também de expropriação e miséria, quando concentrada nas mãos de alguns poucos.

⁴ Pode-se dizer que o modo de vida do latifundiário é expresso basicamente em elementos de culturas que buscam o lucro extremo sem qualquer vínculo afetivo ou harmônico com a natureza, desprezando a necessidade de ter o cuidado com a terra. Constituem o latifúndio as grandes monoculturas, fundamentadas nos privilégios e interesses de poucos; a necessidade de aberturas de terras (desmatamento) para poder aumentar a produção, entre outras situações em que a terra é vista como mercadoria. Não há, dessa maneira, interesse de produção de alimentos que chegarão às nossas mesas, mas sim de aumento do lucro. Nesta perspectiva, a terra deixa de ser um elemento vital e passa a ser o próprio capital.

Os interesses desde o processo de ocupação do espaço rural (tamanho da área, morar ou não na terra, inclusive a forma de produção) são muito diferentes entre esses dois sujeitos, pois o camponês produz para garantir o autoconsumo e o excedente para a comercialização. Diferentemente, o que irá apontar os caminhos da produção para o latifundiário será o que lhe trará mais lucro, ignorando as necessidades de consumo da população em geral.

Nesta mesma lógica da busca do lucro acima de tudo e com fortes reflexos no meio rural, impulsionando a concentração e a expulsão de milhares de camponeses da terra, temos o processo de industrialização no Brasil, iniciado com a revolução verde que trouxe consigo sérios problemas para os que no campo viviam, ou seja, a maior parcela da população brasileira. Dado o princípio de formação dos conglomerados urbanos, o início de seus traçados, a exposição das “luzes” que rebuscam e chamam a atenção e também carecem de mão-de-obra, há naquele momento, principalmente a partir de 1970, o que chamamos de êxodo rural, o qual trouxe para o Brasil, como nos apresenta Ross (1998), sérios problemas sociais e ambientais:

Nos países de economia mais desenvolvida e de crescimento industrial mais harmônico, acompanhado de acentuada redução do crescimento demográfico e elevação do nível cultural e de renda, como os Estados Unidos, o Japão e grande parte da Europa, os problemas ambientais urbanos existem, porém são menos agressivos. Nas regiões que, em curto espaço de tempo, se transformaram em áreas industrializadas através da importação de tecnologias e capital e a instalação maciça de empresas transnacionais, como ocorreu na América Latina, na Ásia e na África, os problemas ambientais urbanos são mais sérios e agravados pelos problemas sociais. (ROSS, 1998, p. 215. Grifo meu).

Essa afirmação se torna válida para pensarmos o que vem acontecendo nos nossos dias, pois ainda hoje temos graves problemas sócio-ambientais oriundos desse período e vemos que mesmo muitos anos depois desse primeiro “boom” industrial, o capitalismo, agora na forma de teoria fundamentada no neoliberalismo, ainda destrói sócio e ambientalmente o meio rural e urbano, como, por exemplo, na monocultura de cana-de-açúcar e eucalipto, evidencia do que vem ocorrendo em Mato Grosso do Sul. E como afirma Scarlato:

A análise das relações de trocas internacionais permite-nos identificar mecanismos econômicos que há muitos séculos se reproduzem e com ele uma tendência a se reproduzirem certos tipos de relações sociais, como as que ainda encontramos nas regiões onde perduram as atividades agrárias calcadas no latifúndio, na monocultura e no trabalho servil. (2001, p. 339)

Tais mecanismos explicitam, de forma legível, o que ainda acontece com a sociedade que, de forma ambígua, se subordina aos caprichos da monocultura e de seus impactos, não deixando de exprimir a maior gravidade que esse impacto demanda no modo de vida do camponês que cria e recria as formas de permanência no campo tendo em vista a manutenção da vida e de suas raízes. Como afirma Holanda (1995), são essas as raízes do Brasil, fundamentadas, em nosso entender, no desencontro entre homens e natureza desde a América Portuguesa.

Mesmo com a investidura do capitalismo e do neoliberalismo no tempo presente, o camponês, na busca de manter aquilo que somente ele consegue determinar, que é o seu amor pela terra e que muito lhe custou - para alguns até a própria vida -, continua a lidar com esses problemas e a enfrentá-los, cotidianamente. Isso é perceptível ao observarmos as considerações de Santos (1982), que narra algumas formas de organização do campesinato e o surgimento de muitas ações de resistência que geraram e ainda geram empolgação naqueles que podem fazer memória dessa história, ou das histórias dos que lutaram para manter o seu modo de vida.

A visão de mundo do campesinato enquanto uma relação não-capitalista⁵ gera um *habitus*⁶. Conforme Almeida (2006), nas suas conclusões acerca do modo de vida camponês - quando da aplicação da teoria bourdiana de *habitus*: “[...] existe uma história incorporada que permite uma identificação mútua, mesmo que o sujeito ocupe posições diferentes nos *campos* e, portanto, *habitus* específicos” (2006, p. 108). Como exemplo do *habitus* discorrido por Almeida, vejamos o relato analisado pela autora:

Relato 04 – A gente era arrendatário, tocava roça de algodão e feijão aqui mesmo nesta região de Santa Rita [do Pardo, cidade onde se localiza o

⁵ A relação não capitalista pode ser entendida, como já citado acima, a expressão máxima do modo de vida do camponês, onde a terra é muito mais do que um bem de consumo ou uma reserva de capital.

⁶ É uma relação de pertença e de posse na qual o corpo apropriado pela história se apropria. (Bourdieu, 2000 *apud* Almeida, 2006, p. 108)

assentamento]. A dificuldade levou a gente pra cidade grande, meu marido foi ser motorista de caminhão no CEASA. Quando a gente estava lá [em Sumaré/SP], eles [os filhos] tinham lembrança daqui. Esse menino meu queria um cavalo para andar. Mas como? A gente vivia no asfalto. Ia comer o que? Viver onde? Paciência filho, o pai sempre lembrava, ele teve paciência e esperou e a fé dele também foi grande. Meu marido estava atento, procurando. A gente ficou sabendo lá em Sumaré pelo pessoal que morava aqui em Santa Rita que ia ter uma invasão aqui, que ia sair esse assentamento, a gente tem amigos, família que mora aqui. Aí viemos pra cá, pra ver se pegava um pedacinho de terra. Sabe, eu estava me sentindo amarrada, mas foi só eu chegar pra cá parece que sarei. Parece não, sarei porque acabou tudo aquilo que eu tinha porque era o que eu procurava. E aqui estou. (SILVA – Assentada no projeto São Tomé – Out/2001 *apud* ALMEIDA, 2006, p. 102. Grifos da autora).

Por meio deste relato podemos afirmar que um estilo de vida se desenvolve de uma maneira muito comum entre aqueles que têm fortes vínculos com a terra. E essa forma de viver e de pensar é algo em comum, pois mesmo que involuntariamente o campesinato de todo o mundo carrega elementos parecidos que extrapolam as fronteiras e os limites entre as nações, entre os povos. Isso é possível observar no texto de Shanin (*apud* PAULINO, 2008), no momento em que o autor trata da resistência do campesinato russo que se molda nas mais variadas formas para garantir a sua sobrevivência.

Em alguns lugares há comunidade de camponeses que hoje vivem principalmente do turismo. Há lugares onde as comunidades camponesas ganham a vida com novos métodos de produção e, em outros, camponeses ganham a vida por meio da combinação do trabalho camponês com o trabalho não-camponês. (SHANIN *apud* PAULINO, 2008, p 25).

Os processos de organização do campesinato no Brasil e fora dele se dão de diferentes formas, as quais evidenciam a sua grande diversidade e sua mobilidade no que tange a criação de condições de manutenção dentro do mundo rural, uma vez que esse mundo transcende o processo econômico e vai até as mais sutis formas cognitivas como, por exemplo, as lembranças e melancolia de um passado que está muito presente, em especial para aqueles que, como resultado de vários fatores, tiveram que deixar o campo.

Exemplos desse retorno saudoso, mesmo que por vezes impulsionados por fatores econômicos, é possível perceber em muitas conversas realizadas nos acampamentos e assentamentos de reforma agrária,

onde as pessoas ali estão também motivadas pelo que viveram ou pelo que ouviram de seus pais quando da vida no campo.

Em pequenas cidades como é o caso de muitas do interior do Mato Grosso do Sul é muito comum essa estrita ligação com o campo onde as pessoas que nele estão vivem na dialética campo-cidade, construindo o que denominamos de rurbanidade⁷.

Nas conversas apreendidas, percebemos de onde estavam chegando essas pessoas. Algumas antes de estarem acampadas ou serem assentadas estavam no campo, mas na forma de trabalhadores rurais, empregados do agronegócio e que, cansados da relação patrão/empregado, buscaram a sua própria terra. Porém, esta relação empregatícia em nada impedia aqueles que mesmo proibidos de manterem roças e/ou animais domésticos nas fazendas, o fizessem de forma escondida ou guardassem o pouco que sobrava dos seus salários investindo em animais, mantidos em pastos arrendados. Outros entrevistados narram que viveram toda uma vida de arrendamento em arrendamento, sempre em terras alheias.

Esse aspecto de manutenção da forma campesina de viver se encontra retratado no texto “A terra no imaginário dos migrantes temporários”, momento em que Silva (2001) apresenta o resultado de pesquisa feita com os migrantes do Vale do Jequitinhonha – MG. Neste sentido, uma das falas do texto observa que:

A terra é onde a gente vive. Ela produz o alimento; a terra é uma maravilha, é como o céu. É ela que fornece a comida. O bispo, um dia, foi lá na minha terra e disse: ‘aqui é onde o mundo acabou’. Aí, eu disse: graças a Deus que é assim. Se fosse um lugar bom, um lugar bonito, ia aparecer um bitelo (latifundiário) para empurrar a gente de lá. Mas, é morrada (terra situada nas partes baixas, sem valor). Ninguém quer. Para

⁷ Aspectos dos elementos rurais e urbanos muito bem entrelaçados determinam algumas características típicas das cidades de pequeno porte, onde, por vezes, torna-se difícil dissociá-los. O conceito rurbanidade busca congregar um conjunto de elementos tipicamente urbanos que estão presentes no campo, como, por exemplo, telefone celular, computador, internet, dentre outras tecnologias que desconstróem a ideia de campo como atraso; e também os elementos rurais que agora podem ser observados na cidade, como andar à cavalo, participar de laçadas, usar roupas típicas de peões, dentre outros elementos que podemos perceber. Essas questões já foram observadas por outros estudiosos como Queiroz (1973) e Souza e Hespanhol (2010). Os dois textos trabalham com bairros e distritos do interior de São Paulo e apresentam a dialética que campo e cidade criaram na vivência e no processo de colonização paulista.

nós, está muito bom. A gente está escondido, quer dizer, mais protegido. (Sr. José, negro, 45 anos *apud* SILVA, 2001, p. 07)

Dentre os elementos que podemos citar como fundantes do modo de vida camponês é frequente o questionamento de como as famílias se desenvolvem economicamente dentro do capitalismo. As famílias camponesas utilizam as formas não capitalistas para desenvolverem suas atividades como afirma Martins (1998), para poder manter-se em um regime de economia familiar, diferenciando-se da economia de mercado. A sociedade atual, capitalista em sua natureza, não consegue exprimir compreensão em torno dessa economia.

[...] lograremos una compresión total de las bases y de la naturaleza de la unidad económica campesina sólo cuando deje de ser nuestro objeto de observación, cuando podamos concebirlo como sujeto creador de su propia existencia [...] (CHAYANOV, 1974, p 133 *apud* PAULINO, ALMEIDA, 2010, p. 30).

Com essa afirmação de Chayanov podemos dizer que o modo de vida camponês é uma expressão de resistência ao processo de capitalismo e uma forma de sobrevivência dentro do capitalismo, uma vez que a terra é utilizada também como meio de produção de bens para comercialização, mesmo com a ressalva de que o formato de produção camponesa se difere da latifundiária (capitalista por sua essência). Encontramos na economia camponesa alguns aspectos intoleráveis ao capitalismo como a troca e a reciprocidade.

Portanto, a terra camponesa não é apenas terra de trabalho, ela é também *morada da vida*, lugar dos animais de estimação, do pomar, da horta e do jardim, é a terra da fartura, onde o grupo familiar se reproduz por meio do auto-consumo. (PAULINO; ALMEIDA, 2010, p. 40).

Essa é a grande diferença do campesinato em relação ao latifúndio e também o que une as mais diversas formas de viver esse modo de vida, expressas pelo mundo todo, mas tendo um objetivo em comum: o de tornar a terra a “morada da vida”⁸ (HEREDIA, 1979). Em todas as propriedades

⁸ Conceito desenvolvido por Beatriz Maria Alásia de Heredia ao longo de seu texto - A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil, onde a autora se apropria do início da fala de um agricultor que está citado em sua obra e afirma que “*A terra é a morada da vida, tudo se acaba mas a terra não.*” Esta concepção de morada da vida é

camponesas - inclusive em minha casa -, temos uma estrita relação com os animais, vacas, porcos, ovinos, dentre outros animais que são chamados pelo nome. Muitas plantas estão nos quintais como forma de manutenção de algo que gostamos, que nos trazem boas recordações.

Os nomes dos sítios refletem, por vezes, o resultado de muito esforço, a síntese de uma trajetória, a ânsia de que aquele lugar seja um espaço que traga felicidade, que realmente seja a “morada vida”, o espaço dos filhos e netos, da construção de sua imagem como alguém na sociedade onde vive, um lugar que possa dar condições de recriar a vida. Por esse motivo, a terra como “morada da vida” cria vínculos tão fortes que podem ser transmitidos de geração para geração, mesmo que a terra (fisicamente) esteja longe.

RELATO – 02 – Eu sempre fui criado assim, falando da terra, o meu pai sempre dizia alguma coisa da terra, meu pai fez um cadastramento em 1964 e aí ele morreu falando em terra: puta merda eu tinha que pegar uma terra, eu tinha que pegar uma terra. [...] Então assim, eu achava que se fizesse um cadastro e ficasse esperando igual ao meu pai, aí eu ia morrer também falando em terra, então por isso eu parti pra cima, eu acampava e ia ocupar. [...] Meus filhos também partiram pra luta, hoje tenho quatro com lote em assentamento. (SALES, Assentado no projeto Indaiá – Fev/2001 *apud* ALMEIDA, 2006, p. 101).

Este relato de um camponês nos dão provas reais de que quando o sujeito tem sua identidade definida como a de camponês a terra fica enraizada de tal forma em sua vida que é possível a transmissão de uma mensagem de amor para aquele(s) que tem a mesma afinidade com ela, dando assim coragem para partirem em busca desse lugar e realizar o sonho daquele que morreu (no caso um parente/amigo) sem poder voltar a viver nesta “morada da vida”.

Eu acho que uma das características principais do campesinato é o fato de que ele corresponde a um modo de vida, a uma combinação de vários elementos. Somente após compreendermos que se trata de uma combinação de elementos e não de algo sólido e absoluto é que começamos a entender realmente o que ele é. Porque, se procurarmos uma realidade fixa, não vamos encontrar isso no campesinato. (SHANIN, *apud* PAULINO, 2008, p.34. Grifo meu).

reafirmada ao longo do texto quando a autora vai desenvolvendo os aspectos de vida existentes nos sítios dos pequenos agricultores e entrelaçando com as falas dos mesmos que afirmam a sua diferença em relação aos grandes fazendeiros e relatam na sua forma de vida o modo de vida camponês.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A resposta de Teodor Shanin - quando perguntado se o camponês seria o sujeito que vive no meio do caminho entre o campo e a cidade – foi brilhante ao definir o campesinato como um modo de vida, título do presente ensaio. Definição que dá a possibilidade de engendramos uma relação com as observações de Almeida (2006) quando discute o *habitus* camponês, utilizando-se de Bourdieu para dizer que mesmo quando o camponês, pelas mais diferentes causas, tenha se desvinculado fisicamente da terra, o seu *habitus* não o abandona.

O elemento terra adquire, desta forma, para o camponês, o que para o latifundiário nunca acontecerá: o camponês ao se relacionar com a terra cria vínculos que jamais, mesmo na distância, podem ser desintegrados, pois é um modo de vida. Já aqueles que veem na terra apenas elementos de especulação e de lucro ou aqueles que não tiveram essa experiência de vida nunca compreenderão essa vivência do camponês, o seu modo de vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosemeire A. A Sociologia da Prática de Bourdieu e o Campesinato. In: *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas*, <http://www.ceul.ufms.br/agbtl/>, v. 03, n. 03, p. 92-109, 2006. ; *Meio de divulgação*: Digital; Homepage: http://www.ceul.ufms.br/agbtl/index_revista.htm; Série: 03; ISSN/ISBN: 18082653.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Série Estudos sobre o Nordeste; v. 7)

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

_____. *O cativo da terra*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010. v. 1. 283 p.

PAULINO, Eliane Tomiasi.; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. *Terra e território: a questão camponesa no capitalismo*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. v. 1. 112 p.

PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Orgs.). *Campesinato e territórios em disputa*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. v. 01. 496 p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Bairros Rurais Paulista: dinâmica das relações bairro rural-cidade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. A sociedade industrial e o meio ambiente. In: *Geografia do Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 1998, p. 211-239.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Movimento camponês no Sul: Produto e Terra (1978 – 1981). In: *Boletim da Associação Brasileira de Reforma Agrária ABRA*. Campinas, v. 12, nº01, Jan/Fev – 1982. (p. 30 – 54)

SCARLATO, Francisco Capuano. O espaço industrial brasileiro. In: *Geografia do Brasil*. 4ª ed; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, cap. 6, 2001, p. 327 – 355.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. *A terra no imaginário dos migrantes temporários*. Texto utilizado em sala de aula. Localizado na plataforma lattes: SILVA, M. A. M. A terra no imaginário dos camponeses migrantes. In: *História Oral* (Rio de Janeiro), São Paulo, v. 4, n. 1, p. 25-47, 2001.

SOUZA, Paulo Cezar de; HESPANHOL, Antonio Nivaldo. Bairros rurais e resistência: a formação das comunidades rurais no oeste paulista. In: *Revista de Geografia Agrária*, v.5, n.10, p. 168-193, ago. 2010.